

Professores e Tutores a Distância

O Emergir Na PRáxis PEdagogica

Tanise Paula Novello¹
Débora Pereira Laurino²
Berenice Vahl Vaniel³

Resumo

A Educação a Distância (EaD) compreende uma prática pedagógica que se diferencia nas relações educativas e é nesse âmbito que o presente artigo se situa, buscando compreender as articulações emergentes da práxis pedagógica entre tutores a distância e professores. Para tal fim foram realizadas entrevistas com autores que atuaram em disciplinas na modalidade a distância e analisadas com base na Análise Textual Discursiva. Pelas narrativas, fica evidente a necessidade de superação do trabalho individualizado, o reconhecimento da diferença como complementaridade e o desenvolvimento de ações de capacitação que fomentem formas de realizar um trabalho em conjunto que considere a coordenação das práxis pedagógicas. Realizar estudos que discutam as práticas e as ações na Educação a Distância permite compreender as articulações estabelecidas entre professores e tutores.

Palavras-chave: Educação a distância. Professor. Tutor a distância.

¹ tanisenovello@furg.br

² deboralaurino@furg.br

³ bvaniel@gmail.com

TEACHERS AND TUTORS DISTANCE EMERGE IN THE EDUCATIONAL PRAXIS

Abstract

Distance Education (DE) comprises a pedagogical practice that differs in educational relationships and is in this context that this article is situated, seeking to understand the articulations between emerging pedagogical practice distance tutors and teachers. To this end, we conducted interviews with authors who have worked on subjects in the distance and analyzed based on Textual Analysis Discursive. Through narratives, it is evident the necessity of overcoming the individualized work, recognition of difference as complementarity and development of training activities that promote ways to accomplish work together to consider the coordination of educational praxis. Conduct studies that discuss the practices and actions in distance education provides insight into the joints established between teachers and tutors.

Keywords: Distance education. Teacher. Tutor distance.

A Educação a Distância (EaD) é, antes de tudo, educação, e, portanto, envolve formação humana, prática social e processos interativos que compreendem um amplo grupo social em uma rede comunicativa – estudantes, docentes, tutores, coordenadores, secretários. A EaD, todavia, se diferencia da modalidade presencial porque rompe com a concepção tradicional de tempo e espaço, a partir de um sistema organizacional que abarca diversos subsistemas que se inter-relacionam: gestão, produção de material didático, formação de professores e tutores, concepção pedagógica dos cursos, entre outros.

A reinvenção da EaD mediada pelas tecnologias apresenta-se como alternativa capaz de proporcionar maior alcance social para uma educação inclusiva, no sentido de aumentar a oferta de acesso ao ensino superior e de possibilitar a formação continuada de profissionais em exercício. O crescimento acelerado dessa modalidade traz à tona questões específicas sobre o ensinar e o aprender no contexto digital, como outras formas de conceber as dimensões de tempo e espaço, outras formas de relacionamento e de exercício da profissão de professor, demandando práticas pedagógicas que contemplem e integrem especificidades desse contexto.

Os últimos anos no Brasil evidenciam um crescente reconhecimento da importância da Educação a Distância como alternativa para a formação inicial e continuada de professores e outros profissionais. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) apoia a prática da EaD, incentivando o fomento a inúmeros projetos para as Instituições de Ensino Superior (IES) e outros órgãos, como Secretarias de Educação.

No Brasil, os últimos tempos evidenciam um crescente reconhecimento da importância da Educação a Distância como alternativa para a formação inicial e continuada de professores e outros profissionais. Diante dessa expansão da EaD, investigar e analisar ações que têm sido desenvolvidas torna possível (re)pensar e propor outras estratégias para os cursos, potencializando a expansão desses em diferentes níveis (Graduação, Extensão, aperfeiçoamento, Pós-Graduação).

Para apresentar uma síntese do cenário atual da EaD em nosso país, resultados do Censo da Educação Superior de 2006 (Censo, 2010) mostram que a expansão da Educação a Distância no Brasil superou as expectativas iniciais. O estudo revela que a oferta de cursos de nível superior teve um aumento de 571% entre os anos de 2003 e 2006, e a participação de estudantes a distância passou a ser de 4,4%, em comparação ao ano anterior, que era de 2,6%, representando um aumento de 356%, sendo que 73% desses estudantes estão em instituições particulares.

Um relatório elaborado pelo CensoEAD.br sobre a expansão da modalidade a distância no Brasil até o ano de 2009 mostra que, no nível de Graduação, houve um crescimento superior a 90% de alunos em relação ao ano de 2008, superando as expectativas iniciais (Censo, 2010). Assim, à medida que aumenta o número de cursos ofertados nessa modalidade, amplia-se a necessidade de professores e tutores para suprir as demandas do ensino a distância, assim como a busca por metodologias pedagógicas que vão ao encontro das especificidades de tal modalidade de ensino; concomitante com a oferta de cursos, expandem-se os modelos de EaD numa lógica em que cada instituição define o escopo e o processo de gestão dos cursos, conforme as premissas explicitadas em seus projetos pedagógicos e/ou plano de desenvolvimento institucional.

A LDB (Lei 9.394/96) propõe diretrizes para a EaD, e a define como uma modalidade válida e equivalente para todos os níveis de ensino, aponta alguns critérios para o funcionamento de cursos nessa modalidade, e uma das exigências feita é a capacitação de tutores e professores que atuarão nos cursos. Os Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância⁴ apontam que apesar da

diversidade de modelos em EaD que resulta em possibilidades diferenciadas de composição dos recursos humanos necessários à estruturação e funcionamento de cursos nessa modalidade [...] três categorias profissionais, que

⁴ Documento elaborado pela Secretaria de Educação a Distância/Ministério da Educação em 2007. Em 2011 essa Secretaria transforma-se em uma diretoria vinculada à Secretaria de Ensino Superior (Sesu).

devem estar em constante qualificação, são essenciais para uma oferta de qualidade: docentes, tutores e pessoal técnico administrativo (Brasil, 2007, p.19-20).

A possibilidade de diferentes desenhos pedagógicos implica atribuições distintas para os professores, tutores e técnicos envolvidos na EaD que estão vinculadas à proposta pedagógica do curso. No que se refere ao tutor, os órgãos que regularizam a EaD determinam ainda que o papel deste profissional deve ser desempenhado por um profissional qualificado (no mínimo graduado) e comprometido com o trabalho da Instituição que oferta o curso (Brasil, 2007).

Sendo assim, a maioria dos cursos ofertados na modalidade a distância, especialmente os de Graduação, têm duas equipes de tutores: os que atuam no polo (tutor presencial) e os que atuam na instituição proponente (tutor a distância). Apesar de o trabalho ser articulado entre eles, as funções diferenciam-se em alguns aspectos, como o fato de que o tutor presencial atua no polo, acompanhando os estudantes em todas as disciplinas do curso, ou seja, possui um olhar horizontal do percurso do estudante no curso; sua atribuição principal é o acolhimento dos acadêmicos e o auxílio na organização das atividades e dos estudos. Já o tutor a distância atua na instituição juntamente com o professor e sua atribuição principal é problematizar os conteúdos específicos da disciplina em que atua e acompanhar a aprendizagem dos estudantes. Embora existam diferenças nas funções dos tutores presencial e a distância, há também uma grande semelhança: a certeza da importância desse autor⁵ para a EaD, conforme se pode comprovar pelos estudos de Gonzalez (2005), Litwin (2001), Mattar (2012) e Peters (2003).

⁵ Autor X ator: no ciberespaço saber e fazer transcende barreiras geográficas e/ou burocráticas. Assim a ressignificação do termo autoria, nesse contexto, se torna emergente. Em estudos no âmbito da EaD é comum encontrarmos o termo ator, no sentido de ser um partícipe do sistema de EaD, contudo optou-se pelo termo autor pelo fato de entendermos que a autoria não está restrita à ação de quem elabora o programa ou conteúdo prévio dos cursos. A autoria na EaD é um processo que contempla os processos interativos e a intervenção crítica dos sujeitos envolvidos – nesta pesquisa focada no professor e no tutor a distância (Novello, 2011).

Na EaD há necessidade latente de interlocução profícua entre os autores – professor e tutores – nos momentos de organização, acompanhamento e avaliação da aprendizagem (Neder, 2000). Nesse sentido, é fundamental que as estratégias metodológicas sejam discutidas e acertadas entre o professor e o corpo de tutores de forma coordenada e consensual. A estrutura e as formas de atuação do professor na EaD dependem da instituição, do alcance de sua área de atuação, das finalidades educacionais propostas e da natureza dos cursos oferecidos.

Nesse sentido, o presente artigo se constitui em um recorte do amplo sistema que compõe a EaD, focando o estudo na compreensão das articulações emergentes da práxis pedagógica entre tutores a distância e professores.

Fenômeno investigado

Este artigo traz o recorte de uma pesquisa que entrevistou quatro professoras e seis tutores a distância que atuaram em disciplinas das Ciências Exatas,⁶ ministradas em cursos de Graduação, ofertados pela Furg, no Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Optou-se por conversar com professores e tutores vinculados à UAB para que a análise fosse feita em um mesmo programa, haja vista que o escopo estrutural e pedagógico é diferente em cada programa e influencia a ação docente e, por conseguinte, as relações estabelecidas.

Para tanto foram elaborados roteiros para os encontros com os professores e tutores. As questões que perpassaram essas conversas tangenciaram a ação pedagógica vivenciada, o entendimento do papel do professor e do tutor no contexto da disciplina, a relação entre professor e tutor, a atuação na organização das aulas e a definição do processo de avaliação.

⁶ As áreas contempladas neste estudo são a Matemática e a Estatística.

Na apreciação das entrevistas utilizou-se o método de Análise Textual Discursiva, na perspectiva apresentada por Moraes e Galiuzzi (2007). Esse método propõe-se a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de materiais textuais, com o objetivo de descrevê-los e de interpretá-los, no intuito de atingir uma melhor compreensão dos fenômenos e dos discursos a partir dos quais foram produzidos.

A Análise Textual Discursiva pode ser entendida como um processo auto-organizado, composto por um ciclo de três elementos: a unitarização, que consiste da desmontagem do texto; a categorização, em que são construídas as relações entre os elementos unitários, combinando-os e classificando-os, e a construção de um metatexto, contendo a compreensão construída a partir de uma nova combinação dos ciclos anteriores.

Entendimentos Enatuados⁷

O operar conjunto no contexto da Educação a Distância, sobretudo no que concerne à relação entre professores e tutores, é imperativo. Nesse cenário, o tutor que intervém no processo pedagógico em parceria com o professor é, junto com este, autor de tal processo. Assim, o desafio emergente está em se conseguir estabelecer relações que possibilitem o desenvolvimento de um trabalho em cooperação. A articulação entre professores e tutores tem provocado uma ação didática diferente daquela com a qual o professor estava acostumado a lidar. Essa reconfiguração do processo educacional se deu especialmente em razão do elevado número de estudantes que a EaD abrange, posto que, sozinho, o professor não daria conta de atender a todos os alunos.

⁷ Enatuar (enação): a tradução do termo inglês *enaction* significa a união da percepção, do desejo, da ação. Termo utilizado na perspectiva de Varela, entendido como o fazer emergir na ação, em que sujeito e mundo não são definidos *a priori*, mas que emergem na ação; compreendida como uma ação incorporada na consciência e na intencionalidade, simultaneamente.

Assim, uma das questões latentes na modalidade a distância é o entendimento do papel dos diferentes autores que nela atuam, como problematizado inicialmente nesse artigo. A fim de contribuir para essa compreensão, busca-se discutir o papel do tutor a distância na *enatuar* de sua práxis pedagógica, ou seja, emergente na ação de pensar a sua própria práxis, compreendida como uma ação incorporada na consciência e na intencionalidade, simultaneamente (Varela, 1990).

Para Mattar (2012), a escolha do termo tutor é infeliz, remetendo ao surgimento do termo no contexto jurídico, em que o tutor é que exerce a tutela, ou seja, proteção de alguém mais frágil, o tutor é nomeado por um juiz para tomar decisões em nome de uma pessoa que é considerada incapaz de fazê-lo por si própria. Segundo o autor, a atividade de tutoria “é encarada por muitos de maneira pejorativa, como um rebaixamento da função docente” (2012, p. 24).

Nesse sentido, diversas discussões têm convergido para a superação do termo para definir a função docente na EaD. Bruno e Lemgruber (2009) destacam que a nomenclatura deveria ser descartada ou ressignificada e propõem a utilização do termo professor-tutor, uma vez que para eles “o tutor a distância é também um docente e não simplesmente um animador ou monitor nesse processo” (p. 7).

Observa-se que professores e tutores têm uma expectativa em relação a sua atuação e à do outro, mas que esta só passa a ser realmente compreendida durante o vivenciar a ação.

Eu achei que o papel do tutor era só ajudá-los em nível de conhecimento, eu percebi que o tutor é praticamente quem faz tudo. É muito trabalho para tutoria, daí vem a preocupação, porque em que lugar estão pensando em criar a profissão de tutoria? Que é uma profissão de professor, que tu trabalha muito, corrige, faz recuperação, retorna e é mal remunerado (Tutor A).

O tutor deveria tá analisando o nosso material, dizendo “olha isso tá bom”. A gente pensou, eles iriam ler e entender, se eles não entendessem, a gente iria ver a nossa falha, e isso não ocorreu. Outra coisa que eu imaginei é que eles fossem corrigir atentamente os trabalhos, um ou outro corrigiu, os outros tu vê falhas, trabalhos que são iguais no mesmo grupo, tu tem que estar revisando, eu achei que isso era papel do tutor corrigir, isso não aconteceu (Professora E).

Tanto no relato do Tutor A quanto no da Professora E, fica clara a dificuldade da compreensão da importância do trabalho do outro e do estabelecimento de uma relação não hierárquica. Sabe-se, porém, que considerar e conviver com a diferença é um exercício necessário, tendo em vista que se vive no mundo da complexidade, em que a multiplicidade dos saberes e das relações possíveis precisam ser operadas.

Uma das características, em geral, associadas à EaD é o fato de o professor ter deixado de ser uma entidade individual para se tornar uma entidade coletiva. O professor de cursos a distância pode ser considerado uma equipe, que incluiria o autor, um técnico, um artista gráfico, o tutor, o monitor, etc. Muito mais do que um professor, é uma instituição que ensina a distância, tanto que muitas definições de EaD insistem na idéia de que o ensino é planejado e coordenado por uma instituição (Maia; Mattar, 2007, p. 90).

O relato do Tutor A mostra seu entendimento prévio sobre sua atuação, compreendendo-a restrita a mediar a construção ou a explicação de conceitos, contudo é no vivenciar da tutoria que ele percebe que sua expectativa inicial não se confirma, tanto que relata a amplitude de sua atuação e de suas atribuições. O relato do Tutor A clama, ainda, por um espaço, um lugar institucionalizado, uma vez que a alteração contínua do corpo de tutores não garante vínculo direto com a universidade nem remuneração adequada, conforme o próprio Tutor em questão destaca, ao entender que suas atribuições estão no domínio do trabalho docente, e que a situação do professor é distinta em ambos os aspectos.

Pelo fato de a tutoria não ter um vínculo institucional, é comum que os tutores tenham outras atividades, as quais, na maioria das vezes, ocorrem em escolas. Considerando que o tutor necessita de 20 horas semanais, a maioria

desempenhada a distância, via Plataforma, sua carga de trabalho torna-se elevada e densa. Essa situação não permite que o tutor participe de discussões que, muitas vezes, definem o perfil do profissional que se está formando, a maneira de intervenção pedagógica e a organização curricular. Nesse sentido Tractenberg e Tractenberg (2007) destacam uma condição comum aos tutores de cursos EaD: a baixíssima participação sobre o programa do curso que já foi predefinido pela instituição.

O entendimento da tutoria, pelo tutor, como atividade docente é recorrente, e pode ser observado no relato do Tutor B, que evidencia essa percepção, em dois momentos distintos do conversar. Ele destaca que sua atuação na condição de tutor é semelhante à docência e que se distingue do papel do professor em si somente por não participar do processo de produção de material.

Eu entendo o porquê desse nome, mas eu não gosto. Eu trabalho como se eu fosse o professor, eu não trabalho no material, quando eu entro para trabalhar com meus alunos, eu chamo eles para trabalharem. Eu trabalho com eles da mesma forma que eu trabalho dentro da sala de aula, a única coisa é que eu não estou ali na frente do quadro (Tutor B).

Eu acho que mais de 50% do ensino a distância acontece por causa do tutor, eles não chamam a gente de tutor, eles chamam a gente de professor, eles me dão mais valor do que os alunos do presencial (Tutor B).

Nota-se que, para esses tutores, a demarcação das tarefas e a hierarquia estão definidas, como se não houvesse intersecção entre a ação do professor e do tutor. Compreender essas práticas como complementares e entremeadas em redes e de igual importância na Educação a Distância é um desafio, principalmente quando se parte do pressuposto da aprendizagem como um processo que acontece no diálogo, na troca e na interação entre os diferentes autores da educação. Para Maturana (2001), relações hierárquicas que se fundam na negação mútua, baseiam-se na obediência e no poder, nos quais acontece a supervalorização de um e, por consequência, a desvalorização do outro.

Fica evidente, ainda, nos relatos, que o tutor mostra sua insatisfação quanto à terminologia “tutor”, pois ele entende que atua como professor, visto que fica subentendida a ideia de que sua atuação na EaD ocorre da mesma forma que na sua disciplina, como professor, na modalidade presencial.

Por outro lado, a expectativa do professor em relação à atuação do tutor, conforme expressa a fala a seguir, pode estar vinculada à cultura que se construiu sobre o papel do tutor vinculado ao sanar dúvidas conceituais.

O tutor não pode ter só aquela visão de que ele tem que apenas esclarecer dúvida daquilo que está no material, ele pode ter uma iniciativa de criar uma aplicação de alguma coisa de passar para os alunos como um desafio, sugerir um fórum para resolver um problema, fazer alguma motivação e não ficar só lá paradinho esperando que as pessoas perguntem (Professora A).

A preocupação com o entendimento das funções está vinculada a nossa cultura, Maturana define cultura como um sistema conservador, fechado, que constitui e determina uma maneira do viver humano. Assim, se a cultura gera os membros que a constituem, que a definem e a realizam, logo não são ações ou emoções particulares que definem as culturas, mas as conversações especificadas no âmbito de ações de um determinado grupo (Maturana; Verden-Zöller, 2004). A cultura é “uma rede de coordenações de emoções e ações que se realiza como uma configuração particular de entrelaçamento do atuar e o emocionar da gente que vive essa cultura” (2004, p. 33).

Nesse sentido é que o entendimento de atuação desses autores será compreendido, quando, por meio do conversar, eles consigam modificar a cultura que define o fazer do tutor e do professor na EaD quanto as suas implicações na mediação pedagógica. Vivendo na emoção da aceitação e no atuar da cooperação no fazer pedagógico, entendendo como colegas e coparticipantes, professores e tutores poderão compreender que os papéis estão nas relações estabelecidas e escolhidas por eles. Na medida em que nos entendemos como membros de

uma cultura, crescemos e nos desenvolvemos com as trocas, crenças e concepções do grupo e participamos da sua contínua transformação, do seu conversar (Maturana; Varela, 2005).

O entendimento dos papéis não é uma característica objetiva, mas sim construções sociais flexíveis e constantemente renegociadas (Capra, 1996). O desafio é que professores e tutores construam, mediante o conversar, maneiras de viver coletivas e cooperativas, caracterizadas pelas coordenações de ações e emoções que fazem parte de sua vida cotidiana.

Mesmo que se tenham algumas predefinições quanto à atividade do tutor, elas não podem ser limitantes da criação e iniciativa. A iniciativa e a criatividade, porém, só fluem no processo de cooperação quando sentimentos de apropriação estão coordenados entre os membros de um grupo. Caso contrário, como é viável o criar, inventar ou se sentir capaz, sem a aceitação do outro? Maturana (2001) destaca que escutar o outro exige respeito, uma vez que sem respeito nunca escutamos o outro, porque interpomos um juízo.

A discussão dos papéis também é evidenciada quando se trata da avaliação, pois nesse domínio de atuação o professor entende que a responsabilidade é exclusivamente sua.

As provas claro que eu, a prova é minha responsabilidade, o professor que tem que corrigir a prova (Professora D).

Então, diante do relato da Professora D, as seguintes perguntas se fazem importantes: “Se, durante a disciplina, o tutor atua como um professor, por que ele não poderia realizar a correção das provas?”; “Será por autocobrança do professor ou dificuldade em descentralizar essa atividade, uma vez que o ensino presencial se caracteriza pela individualidade de atuar na docência?”; “Ou ainda pela avaliação estar centrada na validação pontual do conhecimento do estudante?”

Extrapolar essa centralidade do professor que ainda existe em algumas atividades específicas, como é o caso apontado pela Professora D, a fim de estabelecer relações de corresponsabilidade, ainda é uma busca. Essa superação é díspar para cada sujeito, uma vez que cada um “forma seu caminho individual, único, de mudanças estruturais no processo de desenvolvimento” (Capra, 1996, p. 212). Tais mudanças estruturais são também atos de cognição, posto que o desenvolvimento está associado à aprendizagem.

Essa mesma professora justifica seu ponto de vista sobre a correção de provas, atividades e trabalhos ser feita por uma única pessoa como forma de garantir a uniformidade dos critérios do processo avaliativo.

Eu acho que o professor deveria corrigir as atividades, eu acho que o critério sendo por uma única pessoa fica mais uniforme, por isso que eu fiz esses gabaritos iguais (Professora D).

Estabelecer articulações durante o fazer é uma possibilidade para que o processo avaliativo possa ser realizado no coletivo – professor e tutores. É preciso criar condições para a troca, pois sem ela não há diálogos. Quando se julga saber tudo ou, da mesma maneira, se acha que não se sabe nada, não se estabelece a comunicação (Sato, 2000). As pessoas aprendem umas com as outras, constituem-se no conviver com sujeitos sociais que aprendem e adquirem as competências que os tornam capazes de linguagem e ação, enquanto processo compartilhado, e nele afirmam sua própria identidade (Marques, 1995). A identidade, a individualidade e a autonomia não implicam separação e independência, assim, acredita-se possível realizar um processo avaliativo de forma conjunta, desde que os envolvidos atuem e coordenem as ações.

O acompanhamento constante dos estudantes pelos tutores gera um sentimento de acolhimento, de estar junto, o que os mantém motivados, demandando uma atitude ativa no curso. Essa aproximação possibilita que o estudante esclareça suas dúvidas e comunique seus problemas ou suas dificuldades. Desse

modo, fica evidente a importância de um ambiente de respeito mútuo, propício para a construção de conhecimento gerado por um ambiente de convivência relacional entre professor, tutores e estudantes.

Na modalidade a distância, o ensino se processa diferentemente do presencial, uma vez que existe outra relação de tempo e espaço e as interações são mediadas pelo ambiente virtual. Dessa maneira, por meio das ferramentas de interação, tanto professor quanto tutor buscam constituir relações inerentes ao processo de ensinar, propiciando o aprender, estabelecendo afinidades e empatia com o estudante.

Um dos tutores foi excepcional, ele tinha uma iniciativa de chamar os alunos e fazia fóruns de discussão. Foi uma pessoa que se destacou muito nesse aspecto no trato com os estudantes (Professora A).

Pelo relato da Professora A, percebe-se que ensinar para esse tutor complementa com a definição defendida por Almeida (2003, p. 1):

Ensinar é organizar situações de aprendizagem, planejar e propor atividades, identificar as representações do pensamento do aluno, atuar como mediador e orientador, fornecer informações relevantes, incentivar a busca de distintas fontes de informações, realizar experimentações, provocar a reflexão sobre processos e produtos, favorecer a formalização de conceitos, propiciar a interaprendizagem e a aprendizagem significativa do aluno.

O que se aprende e como se aprende dependem do espaço e das relações constituídas. Nesse sentido, Maturana (1993) considera fundamental uma educação que deseja conhecer e aceitar o outro como legítimo outro na sua existência, sem submissão, sem competição, respeitando e valorizando as diferenças, valorizando a bagagem cultural, no respeito pelo outro. Esses sentimentos surgem na ação, ou seja, no decorrer das histórias que são vivenciadas por professores e tutores durante o seu fazer nesse espaço e tempo definido.

Apesar das atribuições distintas, professores e tutores podem instaurar uma cultura em que ambos compreendam as ações pautadas na coordenação de condutas que se estabelecem pelo estar juntos, em interações recorrentes; como resultado da convivência das transformações dos participantes nessa convivência, que não ocorreria se não houvesse se produzido essa história de convivência.

Para Maturana e Verden-Zöllner (2004), a superação de uma cultura já instaurada, como é o caso da definição de papéis de professores e tutores, acontece pelo estabelecimento de redes de conversações que se configuram pela participação, inclusão, compreensão, pelas emoções dos sujeitos, pelo acordo, pela cooperação, pelo respeito, pela coinspiração e pela coordenação de ações entre ambos.

Compreensões possíveis

A figura do tutor existe há muito tempo no contexto da EaD. Já a discussão sobre seu papel e o reconhecimento de sua importância é relativamente recente, um vez que as políticas institucionais de inserção desse profissional no processo educacional ainda estão em desenvolvimento. Estudos e pesquisas de Gonzalez (2005) sobre avaliação de cursos de EaD indicam que a qualidade do curso está diretamente vinculada ao desempenho desses profissionais que representam o elo entre os alunos-professores-instituição. O desafio é instituir políticas que regulamentem essa profissão, possibilitando a formação de equipes de tutores capacitados, de forma continuada e em serviço. Atualmente, devido a essa falta de regulamentação, o tutor é rotativo e, por consequência, existe a dificuldade em se consolidar um grupo estável e coordenado em suas práticas.

É necessário pensar em modelos que contemplem o cooperar nas instâncias institucionais e governamentais para que o sistema nessa modalidade de ensino seja estudado e compreendido em sua complexidade. Na opinião de Rumble (2003), é preciso propor processos de gestão que permitam aos tutores estarem familiarizados com o curso, com as práticas pedagógicas e as normas de avaliação, assim como com os conteúdos e a metodologia abordada

pelo professor. Esse estreitamento nas ações é possível, mediante cursos de formação e reuniões periódicas que possibilitem o desenvolvimento de uma atmosfera amigável entre tutores e professores e, em consequência, permita também aos tutores que se sintam membros valorizados nesse processo de ensino e aprendizagem.

Talvez a atualização de documentos legais como os Referenciais de Qualidade para cursos a Distância, que nos remetem ao entendimento da atividade de tutoria como conteudista, no esclarecimento de dúvidas e executor de um programa curricular já definido, poderia ser uma forma de mostrar que o tutor é aquele sujeito que assume a docência, na mediação de conteúdos e intervenção na aprendizagem, ou seja, explicitar que a responsabilidade com o processo do ensinar e do aprender é tanto do tutor quanto do professor. O que diferencia a responsabilidade do tutor e do professor na e pela disciplina é que institucionalmente o professor responde por ela.

A capacitação do corpo de tutores e professores, contemplando, pelo menos, três dimensões: formação de domínio específico do conteúdo; utilização dos recursos digitais e orientação pedagógica do processo de ensinar e aprender na modalidade a distância é a ação propulsora dessa modalidade. Investir nessa capacitação como processo de formação continuada dos professores e tutores é necessário ao estabelecimento de uma educação a distância que deseje a ordenação consensual da prática pedagógica.

A incorporação de ações, em cursos de capacitação, que possibilitem ao professor e ao tutor a (re)significação paradigmática de ensino na modalidade a distância, considerando as especificidades das áreas de forma recorrente, pode levar à reflexão e constituição de uma nova prática.

Almeida (2003) aponta para a necessidade da tomada de consciência sobre a importância da participação de professores e tutores em todas as etapas da formação, a qual implica compreender o processo do ponto de vista educacional, tecnológico e comunicacional.

Em decorrência do que foi exposto pelos professores e tutores, percebe-se a necessidade de intensificação do diálogo e da sua articulação na promoção do aperfeiçoamento da ação pedagógica, a fim de repensar as disciplinas no que se refere à superação das fragilidades e da importância das ações de ambos no processo de formação do estudante.

A relação pedagógica entre professores e tutores na modalidade a distância poderá, pela recorrência e recursividade do trabalho coletivo e pela potência da topologia das redes, alterar essa cultura em que na ação o individual ainda predomina. O trabalho conjunto e coordenado entre professor e tutor permitirá que haja uma coerência entre a atuação do tutor e os objetivos da proposta vislumbrada em consonância com o projeto do curso.

Nesse sentido, as ações cooperativas ainda necessitam serem exercitadas e refletidas não só pelos sujeitos que as desejam como também pelas instituições que as preconizam. Somos seres em permanente relação (entre e com os outros), então, quanto mais nos relacionamos, mais poderemos significar e enriquecer nossas práticas e relações. Um processo educativo que não enriquece a capacidade de se relacionar não é educativo (Gutierrez; Prieto, 1994). Propostas de trabalho que contemplem a interação e a formação em redes potencializam essa capacidade, assim como o desenvolvimento da criatividade, da autonomia e da cooperação.

Potencializar espaços de convivência é uma condição importante da vida cotidiana, pois as relações se constituem na medida em que nos permitimos aperfeiçoar as competências na perspectiva de viver juntos. Compreender o trabalho conjunto é dar-se conta do limite, mesmo que momentâneo, da própria capacidade de compreendê-lo.

Assim, estabelecer relações que configurem um espaço de ações comuns a professores e tutores pautado na aceitação do outro e no entendimento de que as diferentes atribuições são distintas, mas complementares, levará a compreender que as diferentes posições cognitivas têm consequências nas relações humanas.

Talvez a institucionalização da tutoria possa ser um caminho a ser pensado, uma vez que esta se tornaria uma atividade permanente e reconhecida no âmbito acadêmico, com possibilidade da emergência de uma nova prática pedagógica entre professores/tutores em que o pensar/agir consciente seja possível.

Referências

- ALMEIDA, M. E. B. *Educação a distância no Brasil: diretrizes políticas, fundamentos e práticas*. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/EaD/artigos/atigo%20Beth%20Almeida%20RIBIE.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2010.
- BRASIL. Ministério da educação – SEED. *Referenciais de qualidade para cursos a distância*. 2007. Brasília, 2007.
- BRUNO, A. R.; LEMGRUBER, M. S. *A dialética professor-tutor na educação on-line: o curso de Pedagogia – UAB-UFJF em perspectiva*. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3. Belo Horizonte: 29 a 31 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/a/adialeticaprofessor-tutor.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CENSO EAD. BR. *Organização Associação Brasileira de Educação a Distância*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.
- GONZÁLEZ, M. *Fundamentos da tutoria em Educação a Distância*. São Paulo: Avercamp, 2005.
- GUTIERREZ, F.; PRIETO, D. *A mediação pedagógica: educação a distância alternativa*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- LITWIN, E. Das tradições à virtualidade. In: *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- MAIA, C.; MATTAR, J. *ABC da EaD*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- MATTAR, J. *Tutoria e interação em educação a distância*. São Paulo. Cengage Learning, 2012.
- MATURANA, H. R. Uma nova concepção de aprendizagem. *Revista Dois Pontos*, Belo Horizonte, v. 2, n. 15, p. 28-35, 1993.

- MATURANA, H. R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos*. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MARQUES, M. O. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1995.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- NEDER, M. L. C. A orientação acadêmica na educação a distância: a perspectiva de (re)significação do processo educacional. In: PRETI, O. (Org.). *Educação a distância: construindo significados*. Cuiabá: Nead; UFMT; Brasília: Plano, 2000.
- NOVELLO, T. P.; LAURINO, D. P. Coordenação consensual de práxis pedagógicas entre tutores e professores. RIED. *Revista Iberoamericana de Educación a Distancia*, v. 15, n. 1, 2012, p. 179-191.
- NOVELLO, T. P. *Cooperar no Enatuar de tutores e professores*. Tese (Doutorado) – Furg, Rio Grande, 2011.
- PETERS, O. *A educação a distância em transição*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.
- RUMBLE, G. *A gestão dos sistemas de educação a distância*. Brasília: Editora UnB: Unesco, 2003.
- SATO, M. Educação ambiental a distância: o Projeto Edamaz. In: PRETI, O. (Org.). *Educação a distância: construindo significados*. Cuiabá: Nead; UFMT; Brasília: Plano, 2000.
- TRACTENBERG, R.; TRACTENBERG, L. *Seis competências essenciais da docência online independente*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 13, 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Abed, 2007.
- VARELA, F. *Conhecer: as ciências cognitivas tendências e perspectivas*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1990.